
Um conto da
saga Verflucht
Arrebatados
Anne Holt Muller

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Um conto da saga VERFLUCHT

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Arrebatados

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ANNE HOLT MULLER

NACIONAIS - ACHERON

Copyright© 2017 por Anne Holt Muller

Título original: *Raptured*

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Notas de rodapé
Anne Holt Muller.

Imagem na capa
Natalia Drepina © todos os direitos reservados.

Revisão final
Camila Bergamini dos Reis

Distribuição
Amazon, Ltda.

Todos os direitos reservados. A duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quais quer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocopia ou outros), sem a autorização por escrito do autor é proibida e constitui violação de direitos autorais. (Lei

PERIGOSAS

9.360/98).

Dados Internacionais para Catalogação na publicação (CIP):

M958 Muller, Anne Holt, 1999 —

ARREBATADOS/Anne Holt Muller. — Rio de Janeiro: Amazon; 2017
382p. — (Verflucht, v. 1); 14x21 cm
Tradução de: Cursed. — 2ª Edição

ISBN 978-1973243649

1. Realismo mágico. II. Fantasia. III. Romance. IV. Ficção. V. Título. VI. Série

CDD: B869
CDU: 821.134.3(81)

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Saga VERFLUCHT:

1. Amaldiçoados
2. Predestinados
3. Apaixonados
4. Despedaçados
5. Fragmentados
6. Entrelaçados

Contos da saga VERFLUCHT:

1. Eternizados
2. Estilhaçados
3. Arrebatados

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Spin-off da saga VERFLUCHT:

1. Encontre-me (adquira na pré-venda)
2. *Resgate-me* (em breve)

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Conheça mais livros da autora:

Trilogia *Triebsand:*

1. Areia Movediça
2. Ponto Cego
3. Ponto de Ruptura

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Para Eliza Buscher.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Prelúdio:

Depois de perder a noiva e sua namorada, Eva, na luta contra o caçador Leonard, Cedrico mergulhou no trabalho nos últimos anos. Agora que está em Charlotte, Juliette está preocupada com ele e com seu comportamento, mas precisa lidar com um trabalho de última hora: interrogar um suposto terrorista, que acaba não tendo nada a ver com terrorismo, e sim com bruxaria.

PERIGOSAS

Passa-se após os acontecimentos narrados em “Entrelaçados” e antes é um *prequel* do Spin-off da Saga VERFLUCHT, continuado com *Encontre-me*.

NACIONAIS - ACHERON

Sumário

Oh, o rei, ficou louco de tanto sofrimento
Clamou por alívio
Alguém o cure do seu sofrimento
Qual bruxa

PERIGOSAS

Oh, o rei, ficou louco de tanto sofrimento[1]

CHARLOTTE, QUATRO ANOS DEPOIS

COLOQUEI O BRAÇO SOBRE O ROSTO PARA PROTEGER meus olhos do sol, projetado em meu rosto com um fecho de luz a partir da janela aberta acima da cama. Virei a cabeça apenas o suficiente para ver que ainda eram sete horas, o que fez com que eu retornasse a minha posição anterior. Folga significava que eu gostaria de passar o fim de semana inteiro na cama, sob o edredom, de preferência com alguma comida ao meu lado.

— Merda! — Resmunguei e agitei a cabeça, escutando uma risada de Rafael atrás de mim.

NACIONAIS - ACHERON

— Você xingava em alemão quando nos conhecemos — Que droga, ele estava de bom humor quando tudo o que eu queria era me esconder do mundo ali. Quando senti sua boca sobre a minha em um beijo de despertar, rápido como se fosse uma rotina, tomei coragem o suficiente para remover meu braço dali, acomodá-lo atrás da minha cabeça e sorrir de volta.

— Propaganda enganosa… E por que estamos acordando tão cedo em uma sexta em que nenhum de nós tem nenhum compromisso ou… Responsabilidade? — Meus olhos arderam quando Rafael se sentou na borda da cama e tentei na acostumar com a luz, principalmente na que eu via em seus olhos quando ele cutucou minha costela.

— Porque você me falou sobre não deixá-la perder a hora durante duas semanas… Era *você* quem estava ansiosa… — Sentei-me rapidamente e chutei as cobertas, colocando-me de pé sobre a cama para dar um pulo no chão e correr na direção do banheiro.

— Claro… Meia hora… — Peguei minha escova de dentes e prendi o cabelo em um rabo de cavalo enquanto cuspia e lavava a boca. De modo sucinto,

Rafael parou na porta e recostou o ombro nela.

— Se acalma, o aeroporto é quase ao lado — Sequei o rosto e respirei fundo.

— Será que devemos escrever uma plaquinha com o nome dele?

— Por que está tão ansiosa para vê-lo mesmo? — Ele acompanhou meus movimentos vampirescos quando saí do banheiro até o armário para me livrar do short de dormir e me enfiar em uma calça preta.

— Rafael! Não o vemos há dois anos, ele poderia estar morto e… Somos a família dele, isso é estranho. Além disso… — Peguei uma regata e me voltei para ele — Fizemos uma promessa usando o mindinho.

— Você percebe o quanto isso é ridículo… — Ele começou a falar, balançando a cabeça como se nunca tivesse ouvido um absurdo maior. Sorri e quando Rafael estava se encaminhando até a porta, parei diante dele com a mão em seu peito.

— Nem um pouco. Agora… Levamos uma plaquinha ou não? — Ergui as sobrancelhas e ele se limitou a rir.

Tive que agarrar a mão de Rafael para não perdê-lo em meio a multidão naquela parte do aeroporto, o que era insano, mas não menos do que a superlotação para *ir* para a Síria. Era mais aceitável voltar dela ao perceber o pandemônio em que o Oriente Médio se encontrava. Umedeci os lábios e fiquei na ponta dos pés.

— Você acha que ele está bem? Que ele *esteve* pelos últimos anos? — Rafael ergueu os ombros ao meu lado.

— Isso depende da capacidade dele em superar o fato de que todas as pessoas que ele amou morreram…

— Não seja malvado…

— Isso é um fato — Ele me puxou um pouquinho mais para perto enquanto eu procurava Cedrico com os olhos em meio a crescente e assustadora multidão de pessoas que chegavam. Finalmente, vi alguém remotamente loiro e ruivo, inesperadamente ao lado de uma mulher mais loira que, ainda mais surpreendente, estava ao lado de certo dragão que eu outrora conhecera.

Arregalei os olhos por um momento e pisquei várias vezes para ter certeza de que não estava

vendo coisas: — Certo… Renée e Alaric… Nem um pouco estranho — Murmurei enquanto esperava que eles se aproximassem. Esperava que Cedrico se aproximasse, pois da última vez em que eu vira a irmã mais velha de Rafael, ela tinha me dado um soco como forma de incentivo para eu ir atrás dele, e também para descontar a raiva. Claro que dera certo, mas aquilo não me impedia de odiá-la um pouco.

— É um pouco estranho, na verdade — Rafael murmurou de volta enquanto eu engolia em seco e acenava para Cedrico, que não parecia exatamente contente em nos ver, ou em estar ali, quanto achei que ele estaria, afinal, Charlotte era quase o nosso lar, o mais perto de lar que se podia ter e um enorme e longo bilhão de vezes melhor com seu clima ensolarado e radiante do que o assustador local de onde ele saíra, onde eu estivera um mês e meio antes.

Enquanto Rafael abraçava a irmã, abracei Cedrico com um enorme sorriso, demorando-me para compensar os dois anos em que ele estivera se esquivando daquela visita. Apertei-o com tanta força que fiquei sem ar enquanto a mão direita de

Cedrico subia e descia com leveza pelas minhas costas; um pouco mais de tempo e aquilo começaria a ficar mais que constrangedor.

— Senti a sua falta.

— Também senti sua falta — Ele falou de volta, mas senti certo distanciamento em seu tom, ao que me afastei com uma longa inspiração, os lábios entreabertos e uma pergunta clara formando-se na minha cabeça. Antes que eu pudesse fazê-la, Alaric entrou em meu campo de visão e, ao me virar por um segundo, Cedrico passou por mim e deslizei a língua pelos lábios antes de conseguir me virar e falar com Ric, sentindo que acabara de levar um balde de água fria no rosto.

Renée e Alaric também fugiram da conversa, com mais educação que Cedrico ao me deixar parada com cara de idiota, e disseram que iriam para um hotel, deixando nós três sozinhos no carro no curto caminho para casa, a cerca de duas ou três ruas: — Por onde você esteve nos últimos meses desde que nos falamos?

— Na Espanha — Ele estava no banco de trás e eu *tive* que me virar completamente para encará-lo.

— Espanha? Achei que estivesse trabalhando…

— Meu tom soou mais acusatório do que eu me sentia, do que eu tinha pretendido, mas não tinha como voltar atrás e eu simplesmente precisava saber.

— Não, passei dois meses de férias acumuladas em Ibiza.

— Certo — Encarei a rua e parei de falar.

Clamou por alívio[2]

— É O MEU — ANUNCIEI QUANDO CONSEGUI ALCANÇAR MEU celular no bolso. Rafael e eu estávamos detrás da bancada, Cedrico, sentado diante dela enquanto nos atualizava com relação a suas últimas viagens pelo Oriente Médio. Saí dali enquanto atendia um número desconhecido para mim e me afastei dos dois. Antes de falar qualquer coisa, chequei as horas para me dar conta de que Harriet estaria em casa em menos de uma hora a partir dali.

— Senhorita Hohenfels? — Uma voz masculina se fez ouvir do outro lado, grave e forte, de um homem de uns quarenta e poucos anos, talvez mais. Parecia *oficial* — Sou Calvin Porter, diretor-

adjunto do FBI, o diretor da CIA indicou que eu a contatasse como parte extraoficial em uma investigação de terrorismo…

— *O quê?* — Foi tudo que consegui murmurar ao girar em meus calcanhares e observar Rafael e Cedrico à distância, sem saber o que dizer. Terrorismo. Investigação. CIA. FBI. Foi tudo que minha mente captou naquele momento, além do fato de que era feriado e que eu não deveria sair dali.

— O senhor Wigmore disse que você é a melhor interrogadora que a Agência dispõe… Preciso que venha ao meu escritório, que extraía as informações de um homem antes que uma bomba exploda em algum lugar da América.

— Está bem — Aproximei-me um pouco mais de onde Rafael estava, o suficiente para que ele escutasse: — Estou a caminho.

Desliguei o telefone e fixamos nossos olhares um no outro, ele entendendo o que estava se passando e não gostando nem um pouco do fato. Eu também estava cansada de ir embora quando tinha dito que ficaria em casa, mas daquela vez a culpa não era totalmente da Agência e, sim, de um homem

maluco. Agitei a cabeça, como se quisesse dizer a ele que não podia fazer nada enquanto alcançava minha jaqueta.

— Eu já deveria saber quando você está indo…

— Não foi… — Fui interrompida quando seu telefone anunciou uma mensagem, que ele abriu rapidamente e soltou todo o ar que estivera preso em seu peito durante um momento.

— Também tenho que sair — Rafael se virou para Cedrico — Eu sinto muito…

— Não lamente por mim.

Rafael anuiu enquanto guardava o telefone mais uma vez no bolso e voltava seu olhar para mim. Eu tinha certeza que Cedrico ficaria bem, talvez ele nem estivesse se incomodando com a situação toda, mas eu, sim: — Não é a CIA, o FBI precisa de mim — Aquilo atraiu a atenção de Rafael e ele ergueu as sobrancelhas, esperando que eu contasse tudo a ele, mas pela urgência que eu escutara na voz do tal de senhor Porter, não tínhamos tanto tempo assim para esclarecimentos, por isso, peguei as chaves de Rafael que estavam sobre a bancada e indiquei na direção da porta — Eu explico no caminho.

— Não entendo como isso tem a ver com você. E nós não… Torturamos pessoas durante o interrogatório, você sabe disso, não sabe? — Rafael ergueu as sobrancelhas com um ar de preocupação inabitual, deixando a mim a tarefa de dirigir o mais rápido possível na direção do escritório do FBI. O diretor-adjunto me mandara o endereço por mensagem, como se não soubesse que eu sabia onde era o prédio onde Rafael trabalhava. Como se ele não tivesse conseguido todas as informações sobre mim antes de me ligar!

— Eu não sei se o diretor-adjunto estava falando sobre tortura, ele disse que o diretor da CIA me indicou como a melhor *interrogadora* que ele tem…

— E o que fez com que o diretor da CIA te indicasse? — Ele me interrompeu em um tom acusatório que me fez agitar a cabeça. Eu sabia como aquilo soava, ainda mais depois de tudo pelo que tínhamos passado desde que nos conhecêramos. Eu sabia perfeitamente e precisei apertar o volante um pouco mais e pressionar os lábios em uma linha fina para pensar antes de falar

alguma coisa da boca para fora.

— O fato de eu ser uma boa interrogadora, e quando falam de terrorismo, você sabe como todo mundo surta um pouco… — Parei de falar e vi-nos cair em um profundo silêncio enquanto o som de buzinas parecia aumentar na minha cabeça, a nossa volta, como se o som da nossa conversa as tivesse feito desaparecer. Momentaneamente.

Deslizei a língua pelos lábios e, duas ruas depois, parei o carro diante do prédio do FBI. Identifiquei-me na entrada e um agente apareceu para me guiar até o décimo segundo andar do prédio, lançando um significativo olhar a Rafael ao vê-lo me acompanhar. Ele se identificou como agente Webber, e, pela primeira vez, me peguei pensando que eu não sabia exatamente qual o cargo de Rafael ali. Era estranho, claro, muito, no entanto, eu ficava mais interessada no que ele me dizia que fazia no dia a dia corrido do que na nomenclatura e hierarquia do FBI.

Quando as portas se abriram em nosso andar de destino, Webber saiu primeiro, passando por um homem que não precisei que se identificasse para que eu soubesse que ele era o diretor-adjunto, o

homem que falara comigo ao telefone: — Senhorita Hohenfels, obrigado por ter vindo tão rápido — Ele lançou um olhar significativo a Rafael, o segundo que ele recebia em minutos, e enquanto apertávamos as mãos. Enquanto o fazia, por um segundo, me peguei pensando se todos ali saberiam que éramos casados, mas foi um pensamento tolo. Na CIA, investigávamos a todos, principalmente os nossos próprios agentes e suas ligações pessoais para nos certificarmos de que continuassem leais a Agencia, é claro que o FBI fazia o mesmo.

Soltei a mão do senhor Porter e agitei a cabeça com toda a condescendência do mundo, como se eu realmente tivesse todo aquele patriotismo em meu corpo e em minha mente, e ensaiei um sorriso. A verdade é que queria ir embora o quanto antes e lamentei que o diretor da CIA me considerasse sua *melhor interrogadora* para interromper minha folga.

— Claro, senhor Porter — Rafael estava ao meu lado, um pouco atrás de mim, e o homem olhou de novo para ele, assim como eu daquela vez.

— Agente Hamilton, obrigado por interromper sua folga em nome da operação, é um caso

extremo. Sigam-me, por favor — Seguimos o diretor a passos sucintos, passamos por todos os ramais onde centenas de pessoas trabalhavam a todo vapor, como se aquele fosse o dia crucial, do tipo de decide carreiras ou as manda para o espaço e todos estivessem em uma espécie de competição. Notei, também, que todos pareciam me odiar silenciosamente com seus olhares, como se o crachá de visitante que eu tinha preso a minha blusa dissesse a eles que eu estava ali para arruinar os planos deles ao interrogar o suposto terrorista.

Entramos em um corredor cinzento e o número de pessoas a nossa volta diminuiu exponencialmente, em seguida, dobramos mais um e mais um, e de repente, éramos só nós três até vermos um agente na única porta dupla de um corredor, que a abriu para que passássemos e penetrássemos mais um corredor com uma porta no fim e um arquivo em um suporte ao lado dela, ao que o diretor-adjunto pegou e o folhou.

— Mohammed Fahid Assab — Ele falou com os olhos fixos nos meus, sem precisar olhar para o papel, como se tivesse decorado as informações — Está ligado a um grupo terrorista, do qual

recebemos uma ameaça da explosão de uma bomba em um grande centro da América. O prendemos nesta madrugada, no entanto, não conseguimos nada…

— Desligue as câmeras — Eu não queria saber da ficha do homem, eu só queria ir para casa e estar lá quando minha filha chegasse, estar lá com Cedrico por todo o tempo que eu pudesse estar antes que ele decidisse tão cedo que era hora de partir de novo. Passei pelo diretor-adjunto e entrei na sala, vendo-o entrar em uma porta lateral, para observar meus métodos, provavelmente. Eu duvidava muito que ele fosse me interromper se eu decidisse quebrar as pernas de Fahid.

Alguém o cure do seu sofrimento[3]

ENGOLI EM SECO QUANDO A PORTA VAI E VEM VOLTOU a se fechar atrás de mim, vendo o homem algemado ao arco metálico da mesa presa ao chão, assim como a cadeira em que ele se encontrava. Detrás daquelas paredes, eu sabia que Porter e Rafael estavam de olho em nós enquanto eu caminhava até a mesa em passos ritmados, um tanto lentos, vendo as câmeras que estavam apontadas para nós.

— Senhor Fahid, como vai? — Ofereci-lhe um sorriso enquanto afastava a cadeira um pouquinho da mesa e ficava de frente para ele, com meio

metro entre nós. Ele parecia libanês para mim, até um pouco ingênuo, incapaz de machucar uma formiga, mas as aparências raramente condiziam com a realidade.

— Ele não entende inglês, senhorita Hohenfels — Escutei a voz de Porter atravessar a sala. Busquei pelo olhar de Fahid, que mantinha a cabeça baixa e tinha os cabelos negros, um pouco maiores do que ele costumava mantê-los, seu rosto tinha alguns arranhões e sua roupa estava muito suja. Ele a tinha usado por dias, muitos deles, e elas fediam, estavam rasgadas.

O senhor Porter poderia ter me avisado sobre a mudança de idioma que nossa conversa sofreria, mas não foi como se eu tivesse dado a ele muito tempo para o repasse de informações. Sentei-me parcialmente na lateral da mesa e entrelacei os dedos com o mesmo sorriso calmo e leve. Por algum motivo, eu duvidava que o diretor-adjunto falasse o idioma dele, não que fosse aquele o motivo de eu ter sido chamada ali. Na sala em que ele e Rafael estavam, provavelmente havia mais alguém que entendia: — Muito bem, senhor Fahid — Falei em árabe, em um tom macio, o melhor que

consegui, e finalmente o fiz erguer os olhos negros e densos como uma noite de inverno para que encontrassem os meus — *Eu acho* que você se sentiria muito mais confortável depois de um banho, com roupas limpas — Soltei as mãos e apoiei a esquerda na mesa, perto dele, fazendo meu sorriso desaparecer um pouco, mas usando ainda uma expressão harmônica em meu rosto — Como o FBI te tratou durante sua estádia aqui?

— O que você está fazendo, senhorita Hohenfels? — O diretor-adjunto Porter levou cinco segundos para falar ao microfone, provavelmente o tempo em que o tradutor levou para transmitir a ele minhas palavras, e senti em seu tom que ele acreditava que aquilo tudo era um absurdo, que eu deveria arrancar respostas a qualquer custo. Talvez até já tivesse mudado de ideia sobre ter me chamado, porém, limitei-me a ignorá-lo e encarar Fahid com toda a calma do mundo, como se estivéssemos a sós, esperando pela sua resposta.

— Você… — Ele estava, lentamente, descobrindo como usar sua voz mais uma vez após um longo período de silêncio, assim, dei-lhe o tempo que ele precisava para tanto — Você não é

uma… *FBI?* Uma agente?

— Eu pareço com uma agente do FBI para você, Fahid? — Ele fez que não com suavidade, ainda um pouco espantado — Então, você quer se trocar? — Girei um pouquinho e estendi as mãos, usando um truque que ninguém perceberia para libertá-lo das algemas que tinham deixado marcas em seus pulsos.

— Por que… Está fazendo isso? — Ele esfregou os pulsos, encarando-me com receio.

— Porque vamos nos ajudar. Você será bem tratado, em troca de algumas informações…

— Eu não sei de nada, já disse isso aos outros FBI — Ele tinha um forte sotaque, o que ficava ainda mais evidente junto ao medo em sua voz.

— Eu entendo, Fahid — Uni as mãos, esfregando o suor das palmas uma contra a outra — Lealdade, eu entendo.

— Você não é americana — Ele captou meu sotaque e fiz que não. Não continuei, dei a ele abertura para que fosse ele a fazê-lo: — Você é alemã — Ele falou em alemão e ergui as sobrancelhas.

— Sou britânica, mas a Alemanha é um segundo

lar para mim — Voltei a sorrir enquanto entrelaçava e desentrelaçava meus dedos.

— Senhorita Hohenfels, não temos um tradutor de alemão, volte a falar… — Ignorei novamente o homem, desligando sua voz autoritária, de quem estava acostumado a ser obedecido prontamente, na minha cabeça para continuar a falar em alemão.

— E eu amo o país onde eu nasci, também amo o meu segundo lar, e o terceiro… E, sabe, eu fui procurada pelo serviço secreto britânico uma vez para trabalhar para eles, nunca contei isso a ninguém — Ri comigo mesma e ele retribuiu o sorriso suave, como se estivéssemos compartilhando um segredo profundo, entrando na mesma sintonia. De fato, eu estava, mesmo sabendo que não deveria — Eu não poderia espionar o país que me acolheu, ir contra ele, contra as pessoas que eu conheci aqui, as pessoas que eu amo. Tudo o que fazemos, Fahid — quase que inconscientemente, inclinei-me ligeiramente na direção dele —, fazemos pelo nosso país, pelo nosso povo, para que eles tenham o melhor sem que precisem lutar por isso todos os dias. *Nós* lutamos por eles.

— Eu tenho uma família no meu país, vim trabalhar na América para dar a eles algo melhor — Assenti.

— Eu sei. É por isso que estou pedindo que me diga o que sabe… Para que você possa voltar para a sua família.

Fahid inclinou-se na minha direção e entrelaçou as mãos, mais sério do que nunca: — E se eu disser uma palavra, me arrastarão daqui, serei jogado em uma prisão federal pelo resto da minha vida…

— Eu posso tentar conseguir um acordo, não posso te prometer coisas em nome do FBI, mas eu… — Naquele momento, a porta foi aberta atrás de mim e nem precisei me virar para saber que era o diretor-adjunto com outro homem atrás de mim — Vou esgotar minhas possibilidades…

— Vão atrás da minha família…

— Senhorita Hohenfels, isso já foi longe demais — Virei-me com raiva para o tal Porter e fuzilei-o com o olhar — Saia da sala.

— Não diga uma palavra, Fahid — O agente ao lado dele segurou-me pelo cotovelo e *guiou-me* através da sala. Antes que estivéssemos fora, olhei mais uma vez para Fahid, que era mais uma vez

algemado pelo diretor-adjunto, mas tinha os olhos em mim — Não diga uma palavra — Falei em alemão para que ninguém entendesse, pontuei cada palavra com cuidado, ao que Fahid assentiu em entendimento.

Qual bruxa?[4]

FUI ARRASTADA ATÉ A SALA DE CONTROLE, DE ONDE NOS OBSERVAVAM, e onde Rafael encontrava-se ao lado de um homem, mais concentrado nos monitores e em seu computador do que no que quer que estivesse acontecendo ou pudesse acontecer a sua volta. Engoli em seco quando o brutamonte largou meu braço e retirou-se.

Foi a vez do diretor-adjunto entrar e fazer um movimento com a cabeça, indicando para que o operador saísse e nos deixasse a sós, foi o que ele fez. Rafael cruzou os braços e sentou-se parcialmente sobre a mesa e, por cima do seu ombro, eu podia enxergar Fahid através do vidro.

— O que diabos foi aquilo? — Foi o diretor-

adjunto quem falou, fazendo com que eu girasse para encará-lo.

— Você não me deixou terminar…

— O que aquele homem te disse? Em alemão.

— Você me chamou aqui. Ou você quer ajuda, ou não. — Deixei que um suspiro escapasse pelos meus lábios e passei por ele na direção da porta. — De qualquer maneira, eu estou fora agora. — Olhei uma última vez para Rafael, cuja expressão corporal exalava tensão, mas ele estava reflexivo demais para falar qualquer coisa ou interromper minha conversa com o diretor-adjunto: — Nos vemos em casa.

Puxei a porta e Porter cruzou os braços, alternando o olhar entre Rafael e eu, que não saí de imediato, e a pequena bolha de tensão foi se expandindo; o olhar do homem me fez parar no lugar, refrear meus movimentos e pensamentos a um nível que eu pudesse processar: — *Em casa?* O que diabos isso significa? — Uau, ele parecia furioso com a minha declaração, por algum motivo que não pude entender de imediato. — Agente Hamilton?

— Ela é minha esposa.

— Esposa? Você é casado com uma agente da CIA?!

— Não vamos tornar isso pessoal. — Interrompi-o quando ele estava prestes a continuar com seu discurso aborrecido. Eu sabia que o diretor-adjunto não era um homem que gostava de ser contrariado ou interrompido, menos ainda desobedecido, por isso ele estava furioso só de olhar para mim. — Eu estou indo embora. — Puxei a porta e dei um passo para fora da sala.

— Espere. — De costas para ele, dei um pequeno sorriso de vitória, que escondi ao olhá-lo por sobre o ombro; mais séria, impossível. — Só tem duas pessoas que falam árabe nesse prédio, que podem se comunicar com aquele homem. — Ele o indicou através do vidro; Fahid encarava suas mãos, tinham o olhar voltado para baixo e eu podia dizer que ele estava envergonhado, eu podia apostar que poderia fazê-lo falar se tivesse mais cinco minutos. E eu queria fazê-lo falar, quase tanto quanto eu queria poder ajudá-lo; com um acordo, ou com a família que ele dissera ter. Virei-me completamente para o diretor-adjunto, indicando que estava aberta a escutá-lo. — Ele *fala* com você…

— Eu quero autonomia. — Ergui as sobrancelhas com suavidade e comprimi momentaneamente os lábios: — Eu quero falar com ele, por quanto tempo eu quiser, no idioma da minha escolha. — Agora, ele não estava tão certo se ter me impedido de passar pela porta fora, de fato, uma boa ideia, e reavaliou suas opções. — Não me apresse. — Meu tom foi mais incisivo do que na minha cabeça, e aquilo foi bom, pois Porter concordou com um aceno desgostoso e comecei a me virar para sair da sala.

— Agente Hohenfels? Lembre-se, estamos lidando com uma ameaça, não tenho todo o tempo do mundo a lhe oferecer… — Concordei com um aceno.

— Ele precisa de um banho e roupas limpas antes de começarmos.

Vinte minutos depois, o diretor-adjunto atendera a todas as minhas demandas e Fahid estava novinho em folha quando me sentei sobre a mesa e coloquei um café para ele, um chocolate para mim. Harriet estava em casa e eu queria estar lá com ela, o que

me deixava um pouquinho irritada, mas eu podia controlar aquilo para terminar o que eu tinha que fazer.

— Obrigado por tudo — Ele aceitou o café, segurou-o com ambas as mãos mantendo o olhar baixo e incerto antes de, longos, longuíssimos segundos depois, tomar um gole. Repeti o movimento e nossos olhares encontraram-se, por fim.

— Eu preciso que você fale. Tudo o que você sabe, Fahid. — Ergui as sobrancelhas com os olhos mais abertos e coloquei a mão espalmada no centro da mesa. — Eu vou tentar te ajudar, eu prometo, mas isso é importante. O FBI não está brincando, se alguma coisa acontecer, se alguém morrer… Você vai pegar perpétua. Se for em outro estado, quem sabe até pena de morte.

— Isso… — Ele ergueu os olhos e, hesitante, abaixou-os antes de erguê-los mais uma vez: — Isso vai soar um absurdo. Eu sei que para vocês, pessoas do governo… Tudo é preto no branco. — Ele, que até então estivera falando árabe, finalmente ergueu o queixo por completo sem mais nenhum embaraço ou sem querer falar. Agora ele

queria, e começou a falar em alemão, no tom mais sinistro que eu já escutara aquele idioma. — Não tem nenhum terrorismo, eu e meus… *Parceiros* não estamos envolvidos em nada disso, mas eles estão na América atrás de uma garota.

— Uma garota? — Murmurei em alemão, repentinamente alerta.

— Uma garota. Uma bruxa. — Meu sangue estava fervendo, minha pele começou a formigar, meu coração, a bater tão forte que eu achava que podia explodir.

— Do que você está falando? — Fahid se levantou de repente e inclinou o rosto na minha direção, mantendo-o a centímetros do meu, murmurando as palavras.

— Foi tudo um plano, inclusive a parte em que eu era preso por terrorismo. Eles estão atrás da garota *agora mesmo*. — Entreabri os lábios para falar, para dizer qualquer coisa, mas mantive meu silêncio com um excesso assustador de pensamentos. Deslizei a língua pelos lábios e Fahid deu um passo para trás enquanto eu respirava de novo e a porta se abria atrás de mim. — Eu sou um bruxo.

— Quem é ela? E por que ela é importante? — A respiração de Fahid foi pesada quando ele expirou, desviando o olhar do meu enquanto pensava, em seguida, retornava-o a mim.

— O nome dela é Claire Mathis, ela tem quinze anos, mora em Colombus, na Georgia… Encontre-a, Juliette. — Arregalei mais os olhos e levantei-me de repente, largando meu chocolate sobre a mesa para passar por ela e chegar até Fahid. O diretor-adjunto estava se aproximando pelas minhas costas, Fahid deu alguns passos para trás e ficou contra a parede. — Você precisa encontrá-la, ela é uma transfiguradora.

Spirituum, accipe me,
tolle animam meam,
et ad latus alterum
In quibus secreti quicquid tibi sepultum maneat

— Não, espere! — Gritei em inglês quando Fahid caiu no chão, sangue saindo dos seus olhos. Em um segundo, ele estava vivo, em outro, não estava mais. Cobri a boca com as mãos, em choque, e dei um passo para trás enquanto o diretor-adjunto

corria na direção do corpo para checar os sinais vitais. Ele virou a cabeça, tão chocado quanto eu, que abaixei meus braços e livrei-me do choque tão rápido quanto fui capaz. — O que foi isso? — Não estava falando com ele, estava perguntando a mim mesma. Eu não reconhecia aquelas palavras, meu latim ainda era tão ruim quanto fora quando eu me descobrira uma bruxa, e que tipo de feitiço podia matar alguém daquele modo tão fulminante? — O que ele te disse?

De todas as questões, uma martelava incessantemente na minha cabeça: Claire Mathis era uma transfiguradora. E eu precisava descobrir o que diabos aquilo significava.

— Nada. Ele não disse nada.

PERIGOSAS

Mantenha contato com através das redes sociais:


www.anneholtmuller.weebly.com


www.nstagram.com/ahmullerfc


www.facebook.com/anneholtmuller


www.amazon.com/author/anneholtmuller


www.skoob.com.br/autor/7924


goodreads.com/author/show/15449960.Anne_Holt_

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Se você gostou, deixe sua avaliação ♥

Se quiser receber informações e novidades por e-mail, basta assinar a newsletter acessando o site ou enviando um e-mail para anneholtmuller@gmail.com, até mesmo com suas dúvidas e impressões.

Boa leitura!

[1] Referência à canção “Queen of Peace”, Florence + The Machine.

[2] Referência à canção “Queen of Peace”, Florence + The Machine. Continuação do capítulo anterior.

[3] Referência à canção “Queen of Peace”, Florence + The Machine. Continuação do capítulo anterior.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

[4] Referência à canção “Which Witch”, Florence + The Machine.

NACIONAIS - ACHERON